

Notas de uma trajetória: a literatura, o ofício de escrever e o Rio de Janeiro de Graciliano Ramos¹⁵³

Gabriela de Oliveira Nery Costa
gabriela_nery@yahoo.com

Mestre em História Social pela Universidade Federal de São Paulo.

Resumo: Este artigo trata de parte da trajetória de Graciliano Ramos, durante a década de 1930 e 1940, com foco particular em sua atividade literária, em seu ofício de escritor. Pretende-se aqui trazer à superfície os debates levantados pelo autor, em carta e crônica, sobre os desafios de se exercer o trabalho de literato no Rio de Janeiro daqueles anos a partir de sua experiência - incluindo a de ex-presos políticos dos cárceres varguistas - e de outros escritores no período do Estado Novo.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Literatura; Estado Novo.

Notes from a trajectory: literature, writing and the Rio de Janeiro of Graciliano Ramos

Abstract: This article deals with part of the trajectory of Graciliano Ramos during the decade of 1930 and 1940, with particular focus in his literary activity, in his craft of writer. It is intended here to bring to the surface the debates raised by the author, in letters and chronicles, on the challenges of working as a literary in Rio de Janeiro from those years. Therefore, its necessary to pay attention to his experience - including as an ex-political prisoner of the Vargas prisons - and the experience of other writers of the period

Keywords: Graciliano Ramos; Literature; Estado Novo.

Os primeiros passos do Velho Graça

Segurando um exemplar de *O Guarani*, em grossa capa vermelha de percalina, Graciliano Ramos corria pelas ladeiras de Viçosa, Alagoas, sob jura de não danificar as páginas do livro emprestado da biblioteca de Jerônimo Barreto, o tabelião da cidade.

¹⁵³ Pesquisa financiada com auxílio de Bolsa FAPESP através do processo 2014/22617-2.

Tinha apenas dez anos incompletos e afirmaria quatro décadas depois: “Ali desembestei pela literatura”¹⁵⁴.

É assim que Dênis de Moraes vai fazendo surgir a figura de Graciliano – numa biografia absolutamente fundamental para quem busca se aventurar pelas linhas e trajetória do autor alagoano. O menino tímido, crescido em ambiente austero, marcado pela severidade desmedida de sua mãe e a autoridade impaciente de seu pai, despertou para as letras ainda muito novo – apesar da palmatória, da complicada carta de ABC, do assustador livro de alfabetização do Barão de Macaúbas, dos modos estranhos de falar e escrever contidos nas folhinhas distribuídas nas escolas¹⁵⁵. Há, n’*O velho Graça*, certa impressão de já existir no pequeno Graciliano um autor inato que necessitava apenas do tempo para que desabrochasse – e quem sabe muito desta percepção seja consequência das escolhas narrativas de Moraes, ou talvez da necessidade retrospectiva de demarcar o que viriam a ser os primeiros passos de um literato no mundo das letras. De todo modo, é perceptível que tal roupagem se encaixava a pouco custo no menino alagoano: com apenas 11 anos, Graciliano juntou-se a seu primo e a um agente dos Correios da cidade de Viçosa, Mário Venâncio, para fundar um pequeno jornal, o *Dilúculo*. Lá ele publicaria seu primeiro conto, sob pseudônimo, apesar do texto ter sido completamente emendado por Venâncio e restar muito pouco de seu original.¹⁵⁶

Assim, se toda história necessita de um começo e ele é sempre uma escolha arbitrária daquele que decidiu contá-la, o cotidiano do pequeno Graciliano naquela cidadela do interior alagoano mostrava-se como bom ponto de partida. O jornal não prosperou, mas a amizade do menino com o trabalhador dos Correios permaneceu por certo tempo e rendeu frutos para além da empresa jornalística. Foi através de Venâncio que Graciliano entrou em contato com os catálogos de livrarias importantes do Rio de Janeiro, como a Garnier e a Francisco Alves, e o dinheiro para encomendar os livros que desejava da capital vinha das moedas que pegava, sorrateiramente, da loja de seu pai. Sebastião Ramos possuía uma casa de comércio de tecidos e artigos diversos na cidade de Viçosa, onde moravam à época. O comerciante, filho de um senhor de engenho arruinado, era casado com Maria Amélia Ferro e Ramos, que por sua vez

¹⁵⁴ MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 7.

¹⁵⁵ GIMENEZ, Erwin Torralbo. “Graciliano Ramos, uma poética da insignificância”. *Estudos Avançados*, V. 23, Nº 7, São Paulo, 2009, p. 239. MORAES, op. cit, p. 10-11.

¹⁵⁶ MIRANDA, Wander Melo. “O valor enorme das palavras”. *Revista do CESP*, V. 26, Nº 35, Belo Horizonte, Jan-Jun., 2006, p. 11-18.

era filha de um grande fazendeiro no sertão pernambucano, Pedro Ferro. Dos avôs, Graciliano guardava memórias diametralmente opostas. Enquanto Ferro era lembrado como frio e rude, Tertuliano Ramos, seu avô paterno, era tomado como afável e ligeiramente desacreditado pela família, com inclinações para o mundo das artes.¹⁵⁷

As primeiras publicações de Graciliano para jornais de maior circulação se deram a partir de 1907, quando beirava os 15 anos. O autor produziu, à moda da época, poemas parnasianos para o jornal carioca *O Malho*, e posteriormente começou a contribuir para o *Correio de Maceió* e o *Jornal de Alagoas*. Foi este último, inclusive, que o procurou em 1910 para pedir que ele listasse suas predileções literárias como integrante do mais destacado, e reduzido, grupo de literatos alagoanos. Alguns anos depois, Graciliano consideraria um grande equívoco do periódico tê-lo tomado em tão alta conta e desdenhava abertamente daqueles sonetos em uma carta à sua irmã, Leonor Ramos:

Mas talvez consiga a gente mandar a modéstia à fava. Aqui um sujeito calado é um sujeito burro. Fala-se, portanto, embora para não dizer nada. E, pensando bem, chega-se a esta conclusão – um animal que, aos treze anos, publicava sonetos idiotas no *Correio de Maceió* e no *Malho* (barbaridades, está claro!) pode, talvez aos vinte e três quase, não tendo perdido todo seu tempo, fazer qualquer página passável.¹⁵⁸

A carta datava de 10 de julho de 1915, época em que o autor residiu no Rio de Janeiro pela primeira vez. Sua vinda para a capital federal era parte de seu plano de tentar a vida como escritor, colaborando em jornais e revistas da cidade, mas, inicialmente, foi necessário que se ocupasse de empregos mais modestos, como o de revisor nos periódicos – o que lhe garantiria a gradativa experiência no meio intelectual para, enfim, iniciar a empreitada como escritor em alguma folha. Mesmo que ainda estivesse em processo de familiarização com o cotidiano intelectual carioca, já era possível atentar para o que viria a se tornar uma constante do pensamento de Graciliano: sua autocrítica severa e uma percepção do mundo das letras bastante depreciada, que seria metaforizada tempos depois através do “paradigma do papagaio”¹⁵⁹, animal que seria evocado com frequência quando se referia às formulações

¹⁵⁷ MORAES, op. cit, p. 13.

¹⁵⁸ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 62-63.

¹⁵⁹ DÓRIA, Carlos Alberto. “Graciliano Ramos e o paradigma do papagaio”. *Revista do IEB*, Nº 35, São Paulo, 1993, p. 19-34.

inócuas dos intelectuais nacionais, às repetições, aos discursos e textos vazios do mundo literário: papagueações.

Apesar deste cenário, o autor estava convencido a permanecer no Rio de Janeiro e a “publicar em revistas sérias, onde gente grande colabora, coisas sobre Palmeira dos Índios, o único lugar que mais ou menos conheço”¹⁶⁰. Porém, seus planos foram frustrados repentinamente por conta de uma epidemia de peste bubônica que adoentara alguns de seus familiares. Após a morte de três de seus irmãos – Clodoaldo, Otacília e Leonor – e de seu sobrinho, Heleno, Graciliano estava de volta a Alagoas.

Há uma grande lacuna na produção literária do autor a partir da segunda metade da década de 1910. Se, por um lado, Graciliano permaneceu sem publicar desde sua chegada à Palmeira dos Índios – interrompendo este hiato apenas em 1921 – por outro, sua vida pessoal passou por uma série de mudanças e sobressaltos. Casou-se em outubro de 1915 com Maria Augusta de Barros, jovem que ajudou os Ramos a enfrentar a terrível epidemia que se abateu sobre a família. Com ela, Graciliano teve quatro filhos, Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta – e foi justamente por conta de complicações no parto da filha que Maria Augusta, mãe, morreu em novembro de 1920¹⁶¹. Viúvo, Graciliano retomou as atividades como escritor alguns meses depois, no jornal do padre Francisco Xavier de Macedo, intitulado *O Índio*. Publicaria, mais uma vez, sob pseudônimos variados, conciliando a colaboração no periódico com a administração da loja de tecidos do pai, reaberta no comércio local de Palmeira. O autor só se aventuraria em outros projetos a partir de 1925, quando deu início à escrita do que viria a ser seu primeiro romance, *Caetés*, concluído no mesmo ano em que tomou posse como prefeito de Palmeira dos Índios, em 1928.

Ao contrário do que se poderia esperar, não foi apenas a conclusão de *Caetés* que lançou imediatamente Graciliano no mundo das letras. Inusitadamente, em história quase anedótica, foram os relatórios enviados pelo então prefeito ao governador do Estado de Alagoas, prestando contas de sua administração em seu primeiro ano de gestão, que repercutiu e chegou às mãos de Augusto Frederico Schmidt, dono da Livraria Schmidt Editora, sediada no Rio de Janeiro. Os relatórios foram entregues no início de 1929, período em que o autor já estava casado com sua nova esposa, Heloísa de Medeiros Ramos, e o primogênito do

¹⁶⁰ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 63.

¹⁶¹ MORAES, op. cit, p. 8.

novo casamento, Ricardo de Medeiros Ramos, já havia nascido. As páginas do relatório são curiosas e aos olhos de Schmidt revelavam um escritor talentoso em meio à burocracia:

Não pretendo levar a público a idéia de que os meus empreendimentos tenham vulto. Sei perfeitamente que são miuçalhas. Mas afinal existem. E, comparados a outros ainda menores, demonstram que aqui pelo interior podem tentar-se coisas um pouco diferentes dessas invisíveis sem grande esforço de imaginação ou microscópio.

Quando iniciei a rodovia de Sant'Ana, a opinião de alguns munícipes era de que ela não prestava porque estava boa demais. Como se eles não a merecessem. E argumentavam. Se aquilo era péssimo, com certeza sairia caro, não poderia ser executado pelo Município.

Agora mudaram de conversa. Os impostos cresceram, dizem. Ou as obras públicas de Palmeira dos Índios são pagas pelo Estado. Chegarei a convencer-me de que não fui eu que as realizei.¹⁶²

Há de se notar certa inconvenção nos relatórios do então prefeito, e Schmidt apostou que ele haveria de ter um romance na gaveta: estava certo. Os originais de *Caetés* foram cedidos ao editor e o primeiro romance de Graciliano foi finalmente publicado em 1933, pela Editora Schmidt, do Rio de Janeiro. Neste meio tempo, entre 1929 e 1933, o autor alagoano renunciaria ao mandato de prefeito, em 1930, se mudaria para Maceió com a família e assumiria o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado. Além disso, em apenas um ano, também escreveria um de seus mais notáveis romances, *S. Bernardo*, finalizado em 1932 e publicado em 1934 pela Ariel Editora, também do Rio de Janeiro. Na ocasião da publicação, Graciliano já havia sido nomeado para um novo cargo dentro do funcionalismo público do Estado, desta vez o de Secretário da Instrução Pública de Alagoas, o equivalente a Secretário de Educação Estadual.

Durante o período como secretário, o autor sempre se manteve publicando em jornais e revistas, ao menos até março de 1936, data em que foi preso e exonerado de seu cargo sob acusação de ser um elemento subversivo e simpático aos levantes comunistas de meados de 1935. Na ocasião de sua prisão, já esperada pelo próprio autor, entregou os manuscritos de seu terceiro romance, *Angústia*, para que a secretária de seu então gabinete o datilografasse. Não pôde, portanto, emendá-los da forma como gostaria e reclamaria incansavelmente dos pastéis – como se referia aos erros contidos nos textos – da primeira edição de sua obra mais

¹⁶² RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. 6ª Edição, Rio de Janeiro – São Paulo: Record – Martins, 1976, p. 182.

estimada. A partir deste dia, por dez meses e dez dias, sem acusação formal, Graciliano permaneceu preso entre os cárceres de Alagoas e Rio de Janeiro.

Era o dia 15 de março de 1936 quando o periódico carioca *O Jornal* estampou a notícia de que o paquete *Manaus* havia aportado na capital federal. Na manchete lia-se: “Chegaram do Norte 116 comunistas implicados no levante de novembro: entre eles os ‘ministros’ da ‘justiça’, ‘finanças’, e da ‘viação’ e duas mulheres”¹⁶³. As mulheres não receberam especificação qualquer, mas Graciliano era tomado por “Dr.” e listado entre os presos sem nenhuma outra caracterização. Do porto, ele foi levado diretamente para o Pavilhão dos Primários da Casa de Correção da rua Frei Caneca, e sua primeira carta foi enviada à Heloísa de Medeiros Ramos apenas em 27 de março de 1936, numa correspondência sempre submetida à verificação e eventual censura antes de ser entregue aos destinatários. Na carta, Graciliano parecia estar atento aos procedimentos da prisão, e ironizava de forma um tanto propositada a situação de seu encarceramento, ao passo que tentava, de algum modo, tranquilizar sua esposa:

Heloísa: até agora vou passando bem. Encontrei aqui excelentes companheiros. Somos setenta e dois no pavilhão onde estou. Passamos o dia em liberdade. Hoje comecei a estudar russo. Já você vê que aqui temos professores. O Hora estuda alemão. Entre os livros existentes, encontrei um volume de *Caetés*, que foi lido por um bando de pessoas. Companhia ótima. Se tiver a sorte de me demorar aqui uns dois ou três meses, creio que aprenderei um pouco de russo para ler os romances de Dostoiévski.¹⁶⁴

No Pavilhão dos Primários, Graciliano dividiria o cotidiano com figuras como Agildo Barata, Rodolpho Ghioldi, Nise da Silveira, Olga Benário e Elisa Berger, numa situação mais amena do que as encontradas na terrível travessia do paquete *Manaus*¹⁶⁵, ou ao que seria submetido na Colônia Correccional de Dois Rios, para onde foi transferido posteriormente. Na Colônia, as condições de encarceramento e violência se agravaram de tal forma que Graciliano caiu doente e quase perdeu a vida¹⁶⁶. E foi justamente seu precário estado de saúde que deu fôlego à campanha encabeçada por sua esposa e por diversos intelectuais para que fosse

¹⁶³ “Chegaram do Norte 116 comunistas implicados no levante de novembro: entre eles os ‘ministros’ da ‘justiça’, ‘finanças’, e da ‘viação’ e duas mulheres”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 15 de março de 1936, p.1.

¹⁶⁴ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 165.

¹⁶⁵ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 6a. Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006, Rio de Janeiro.

¹⁶⁶ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 6a. Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006, Rio de Janeiro; MORAES, Dênis de. *op. cit.*

libertado, viabilizando, primeiramente, seu retorno para a prisão da rua Frei Caneca. Mesmo em condições bastante delicadas, o autor alagoano permanecia decidido a não buscar nenhum tipo de defesa formal e ralhava com Heloísa quando ela insistia por este caminho. Em um pequeno bilhete de 5 de outubro de 1936, Graciliano respondia à sua esposa: “Defender-me de que? Tudo é comédia e de qualquer maneira eu seria péssimo ator.”¹⁶⁷. Dois meses antes desta pequena carta, *Angústia* havia sido publicado pela Livraria Editora José Olympio e premiado, pouco depois, com o prêmio Lima Barreto, concedido pela *Revista Acadêmica*. Este conjunto de fatores, finalmente, surtiria efeitos e no dia 3 de janeiro de 1937 Graciliano estava livre.

Um Rio de Janeiro a se descobrir e os desafios do ofício de escrever

Com o esposo já em liberdade, Heloísa viajou à Alagoas afim de resolver eventuais pendências familiares que por lá ainda houvesse, para então se mudar definitivamente para a capital federal com os filhos. Tal arranjo se deu após Graciliano decidir que se instalaria em caráter permanente no Rio de Janeiro, disposto, mais uma vez, a tentar consolidar sua carreira literária. Entretanto, as preocupações imediatas do autor estavam verdadeiramente direcionadas à busca por alguma estabilidade financeira que pudesse viabilizar sua estada na capital, bem como a de sua família, e o caminho inicialmente escolhido já era conhecido: tentar ganhar a vida escrevendo para a imprensa, em compasso com a produção de livros para o mercado editorial. Para tanto, Graciliano começou a mobilizar sua rede de contatos dentre a intelectualidade e no dia 26 de fevereiro de 1937 escreveu uma carta para um de seus tradutores argentinos, Benjamin de Garay, que à época cuidava da tradução de *S. Bernardo* para o espanhol.

Na carta, Graciliano apresentava um curioso entusiasmo sobre seu período de encarceramento, anunciando as experiências de “um ano cheio de observações interessantes” em que conheceu “umas figuras admiráveis para romance”¹⁶⁸, e era neste possível romance que parecia estar o centro de suas atenções a médio prazo, num projeto que lhe tomaria cerca de dois anos de trabalho, afirmava. Para além do anúncio da possível

¹⁶⁷ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p.167.

¹⁶⁸ MAIA, Pedro Moacir. *Cartas Inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl de Navarro*. Salvador: Edufba, 2008, p. 43.

nova empreitada, ele também trazia ao conhecimento de Garay que estava novamente em circulação, procurando não apenas informar-se sobre a tradução de seu livro, que viria sob o título de *Feudo Bárbaro*, mas aproveitando para pedir ao amigo que lhe cavasse publicações na imprensa argentina, para que pudesse se manter enquanto trabalhava no romance baseado em sua mais recente experiência. Ainda que revelasse se sentir “um pouco enferrujado”¹⁶⁹, afirmava a Garay que, caso ele achasse conveniente, poderia arranjar de dois a três contos por mês para as folhas do país vizinho.

Tendo recebido a resposta do editor argentino em meados de março, Graciliano lhe respondeu apenas em 22 de abril de 1937, onde contava, explicitamente aborrecido, sobre seu período de adaptação no Rio de Janeiro. O autor alagoano pedia desculpas pela demora em enviar nova carta e após comentar sobre os diversos encargos da vida em liberdade, arrematava:

Eu vivia livre de todos esses aborrecimentos. O governo do meu país é um governo sabido e algumas vezes nos fornece mesa, cama, transporte e boas conversas, tudo de graça. Você não acha que é safadeza sustentar um cidadão um ano e de repente mandá-lo embora, desempregá-lo sem motivo? (...) Agora preciso dar dinheiro à mulher da pensão e aumentar os lucros da Light. Para isso tenho de explorar alguém ou qualquer coisa e ser explorado pelo dono do jornal e pelo editor.¹⁷⁰

Junto à carta, Graciliano encaminhava um novo conto e perguntava, receosamente, se o periódico argentino *La Prensa* teria interesse em publicá-lo, pois era o que melhor remunerava à época. O autor advertia que o trabalho não era o que Garay havia requisitado exatamente, “coisa regional e pitoresca”¹⁷¹, mas pedia que tentasse publicá-lo e lhe mandasse um número, para que pudesse ver o resultado da tradução. Provavelmente, o conto que Graciliano remeteu ao amigo era *Paulo*, que saíra quatro dias antes n’*O Jornal* com ilustração de Tomás de Santa Rosa¹⁷², e contava os delírios de um homem enfermo na cama de um hospital – experiência, de fato, vivenciada pelo próprio autor alagoano por duas vezes, uma em Alagoas por conta de uma cirurgia no abdômen e outra na prisão. Já o romance sobre as experiências do cárcere, ao qual havia se referido anteriormente, foi postergado por diversos anos e este projeto só viria a se realizar sob a forma de um livro de memórias, publicado

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 45.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² RAMOS, Graciliano. “Paulo”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1937, p. 2.

postumamente: suas *Memórias do Cárcere*. Merece nota, também, o fato de que à época Graciliano já era um autor reconhecido, especialmente após a publicação de *Angústia*, seu terceiro romance, que foi muito bem recebido pela crítica literária nos principais jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro – ainda que *Caetés* e *S. Bernardo* também já tivessem figurado de forma mais tímida nas páginas da grande imprensa destas cidades.

Se o prestígio literário de Graciliano já corria o meio intelectual, com inúmeras referências às suas obras nos diversos periódicos da capital do país, o ano de 1937 lhe reservava a tarefa de converter tal prestígio em uma inserção efetiva nos principais círculos intelectuais da cidade. Recém-saído da prisão, Graciliano gradativamente se aproximava destes espaços em muito pela ação de um amigo de longa data, o escritor José Lins do Rego, que insistia para que o autor alagoano o acompanhasse nos vários eventos em que se reuniam políticos, editores, escritores e jornalistas. É importante destacar que o apoio de Zélin, como Graciliano a ele se referia, já vinha de outras épocas. Ele fora fundamental para que o autor alagoano conseguisse maior ressonância para além do meio intelectual de Maceió ainda em 1934, quando *Caetés* era uma relativa novidade no mundo das letras. José Lins do Rego valeu-se de seu espaço no *Diário de Notícias*¹⁷³, do Rio de Janeiro, para comentar pioneiramente a trajetória e a obra de Graciliano com bastante destaque, espaço até então inédito aos seus trabalhos ao menos na imprensa carioca. Tal esforço e preocupação, como se vê, permaneceram ao longo dos anos e José Lins foi um dos intelectuais que se engajaram fortemente na mobilização promovida por Heloísa pela libertação de Graciliano. A residência do amigo serviria, inclusive, de acomodação aos dois quando este saía da prisão.

Diante deste cenário e atentando-se para a profunda relação estabelecida entre intelectuais e a imprensa durante o período – esta última notadamente tomada como um espaço amplo de publicação, divulgação, sociabilidade e experimentação intelectual –, torna-se importante analisar o processo de inserção de Graciliano nos principais círculos da intelectualidade do Rio de Janeiro como fator para o entendimento da produção e circulação de suas obras – fato que foi um tanto facilitado, em um primeiro momento, por conta da série de correspondências trocada entre o autor e sua esposa, com registros minuciosos. Heloísa

¹⁷³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1934, Terceira Seção, p. 19.

pediu que Graciliano lhe remetesse cartas semanais contando sobre seus dias enquanto ela estivesse em Alagoas, e ele cumpriu tal acordo rigorosa e detalhadamente.

É o que demonstra a primeira carta por ele enviada, em um sábado do início do mês de fevereiro de 1937, e mesmo que especificamente não venha a revelar a presença de outros intelectuais em seu cotidiano, e apenas resvale nestes encontros que aqui também interessam, ela merece destaque por apresentar a relação de Graciliano com o espaço urbano da cidade, num confronto entre o presente do autor e a memória de um Rio de Janeiro vivido há mais de duas décadas.

Ao ver a esposa partir no vapor *Itangé*¹⁷⁴, o autor tomou um bonde e perambulou pela capital. Na contação dos acontecimentos surgiam os nomes das ruas, indicações geográficas, monumentos que emergiram no espaço urbano carioca durante os anos de ausência – ou que foram simplesmente suprimidos pela memória e agora revisitados –, referências várias que iam se misturando nas linhas do autor: o bondinho da Lapa, que tomava diariamente quando jovem, deveria ter seguido até a Praça Mauá, mas agora tinha um novo ponto final na rua Carmerino, donde Graciliano saltou, um tanto desorientado. Não se lembrava da grande estátua em bronze de S. José que encontrou pelo caminho, apesar do esforço em recuperar esta lembrança. Na comparação entre dois tempos, não deixou de reclamar, quase como por hábito, de outras mudanças, como o aumento do preço da tarifa e os modos “galináceos” do condutor do bonde.¹⁷⁵ Seguindo ora a pé, ora de pingente, passou pela Avenida Passos, que acreditava ser em outro local, avistou o Recreio ao fim de uma ruela, e com algum custo alcançou o Largo São Francisco para enfim chegar à Livraria José Olympio, na tão frequentada rua do Ouvidor.

Esta relação de Graciliano com o espaço urbano do Rio de Janeiro era um tema caro ao autor, que se desvela por muitas vezes em cartas e crônicas nos anos de 1930 e 1940¹⁷⁶. A

¹⁷⁴ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 171-173.

¹⁷⁵ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 171.

¹⁷⁶ É fundamental ressaltar que, a despeito de serem tratadas em par, tecendo interlocuções e conexões, as crônicas e as cartas utilizadas neste trabalho não constituem mesma matéria. É necessário destacar a especificidade da crônica no que diz respeito à sua dimensão literária e artística, sendo estas elaborações constitutivas de sua matéria. A associação direta da crônica, portanto, com o suporte do jornal e os fatos do cotidiano não a destituem de sua condição de arte, de literatura, de trabalho intelectual. Para mais ver GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa. Brasil/França, Século XIX*, Campinas: Mercado de Letras, 2015; CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social na crônica no Brasil*. Unicamp, Campinas – SP, 2005; CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova

forma como apresentava suas impressões à Heloísa é apenas um destes indícios e desvelava a memória afetiva do autor para com a cidade, um lugar que deveria ser re-conhecido sob outras circunstâncias, mas que se tornaria mais uma vez palco das aspirações literárias de Graciliano. Assim, são diversos os momentos em que logradouros são vasculhados, as caminhadas pela cidade são pormenorizadas, a rua das livrarias é tomada como cenário de histórias e, até mesmo, há crônica em que o narrador se põe a desvendar a razão do nome de uma e outra via¹⁷⁷, revisitando a própria história da cidade.

Já a segunda carta de Graciliano a Heloísa insere-se propriamente nos caminhos mais cotidianos do autor, datada de 14 de fevereiro. Nela, o tom de Graciliano é mais áspero, pois afirmava se encontrar numa “chateação medonha”¹⁷⁸ e que escrevia pela obrigação assumida de mandar notícias à esposa. Dissera que não fizera nada desde sua partida, perdera tempo, a não ser por ter conseguido “emendar os meninos pelados, que não sei se prestam”¹⁷⁹. O autor referia-se ao texto que andava produzindo para o concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação, trabalho que seria finalizado sob o título d’A *Terra dos Meninos Pelados*. Menos por inspiração e muito mais pela necessidade de conseguir algum dinheiro, o livreto fora feito visando à remuneração do prêmio, e Graciliano, severo em sua autocrítica e admirador confesso do artista plástico Tomás de Santa Rosa – amigo de longa data e parceiro na produção intelectual – já afirmava que seus meninos de nada valiam se comparado às ilustrações produzidas pelo companheiro, “um circo de cavalinhos formidável”¹⁸⁰ que também seria remetido ao concurso.

Após mostrar desapontamento com a dificuldade em produzir durante aqueles dias, Graciliano passava a relatar os diversos encontros que tivera no decorrer da semana: fora apresentado a Oswald de Andrade por Apparício Torelly, o Barão de Itararé, ressaltando que ficaram camaradas. Seguiram, então, encontros com Murilo Miranda, um dos editores da *Revista Acadêmica*, Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Marques Rebelo, pseudônimo de Edi Dias

Fronteira, 1998; RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*. Tese de Doutorado, Campinas – SP, 2010; CANDIDO, Antonio. “A vida ao Rés-do-chão”. In: *A Crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1992; SOUZA, Ana Paula Cardozo de. *Machado de Assis e a República de “A Semana”*: literatura, imprensa e práticas populares (1829 – 7). Dissertação de Mestrado, Campinas – SP, 2015.

¹⁷⁷ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 191-193.

¹⁷⁸ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 173.

¹⁷⁹ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 173.

¹⁸⁰ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 173.

da Costa, Nicolau Montezuma, pseudônimo de Carlos Lacerda, Aurélio Buarque de Hollanda e Nise da Silveira – os dois últimos também conhecidos dos tempos de Alagoas. Ainda compunham o cotidiano do autor com frequência o pintor Cândido Portinari, que lhe fazia um estimado retrato anos depois, Valdemar Cavalcanti, Arthur Ramos, e uma sorte de figuras que frequentavam, especialmente, a Livraria José Olympio. Graciliano, assim, também passava a destacar os lugares onde estes encontros aconteceram, variando entre a Galeria Cruzeiro, a Cinelândia, a Praça 11, por conta do Carnaval, o bar Amarelinho e, evidentemente, a propriedade de José Olympio. De forma gradativa, ia tornando nítida sua relação com as personagens que circulavam pela cidade do Rio de Janeiro: “Oswald de Andrade afirmou-me que *Angústia* havia abafado a banca (uma frase de Nise) e que agora era um trabalho sério escrever no Brasil.”¹⁸¹

Era notório que a vida intelectual de Graciliano se expandia e se dinamizava, seus contatos se alargavam com o passar dos meses, porém este movimento não se refletia em termos equivalentes na vida financeira do autor. Viver do ofício de escritor continuava a se mostrar tarefa árdua e é importante destacar que, via de regra, a maioria da intelectualidade nacional do período tinha nessa atividade uma prática secundária, ao menos do ponto de vista do próprio sustento. Valiam-se, em grande medida, de uma ocupação primeira que garantisse condições de se manter materialmente, sobretudo no funcionalismo público, como era o caso do chefe de gabinete de Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade, o diretor do Instituto Nacional do Livro, Augusto Meyer, e seu chefe da seção de publicação, Sérgio Buarque de Hollanda, ou ainda José Lins do Rego, como fiscal do imposto de consumo.

Graciliano também não se furtava a esta possibilidade, inclusive desejava um cargo fixo, contanto que não tivesse que se enveredar por ocupações que lhe impedissem o ofício de escrever. Porém, tal ocupação tardava em se concretizar apesar da grande procura, e ainda que a burocracia estatal estivesse passando por uma enorme expansão e sofisticação durante a década de 1930 – sobretudo no período do Estado Novo –, que o mercado editorial acompanhasse este movimento de crescimento vertiginoso com a racionalização de seus modos de produzir e distribuir os volumes¹⁸², e que a imprensa também se dinamizasse

¹⁸¹ RAMOS, Graciliano, *Linhas Tortas*, 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 174.

¹⁸² MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; FLORENT, Adriana. *Graciliano em seu tempo: o meio literário na era Vargas*. São Paulo: Terceira Margem, 2011; DUTRA, Eliane de Freitas.

fortemente, por conta da intervenção estatal e do surgimento de novas revistas de cultura que privilegiavam o tema da literatura¹⁸³, tais movimentos não garantiam aos escritores a possibilidade de sobreviver através do mercado das letras, como indica a própria situação de Graciliano. Desta forma, ele contava apenas com a participação em concursos literários, em colocar seus contos, crônicas e artigos na imprensa de forma um tanto intermitente, o que, como atividade única, degradava rapidamente suas finanças. Aliado a isso, o autor ainda se defrontava com as pressões de sua esposa para voltar ao Rio de Janeiro. Era o que ele apresentava na carta de 21 de fevereiro de 1937.¹⁸⁴

Em tom frustrado, mais uma vez, Graciliano começava por tentar arrefecer os ânimos de Heloísa para sua volta, dizendo que sua situação era bastante instável e que sequer recebera o dinheiro do prêmio concedido à *Angústia*, o prêmio Lima Barreto oferecido pela *Revista Acadêmica* em 1936, e aproveitava para afirmar que, caso seus *Meninos Pelados* ganhassem o concurso do Ministério da Educação, acreditava que igualmente não chegaria a ver a remuneração.

Essa falta de perspectiva levou Graciliano a começar a introduzir à Heloísa a possibilidade efetiva de mudar-se para São Paulo. O autor afirmou que havia almoçado com José Olympio naquela semana e ele acenara com a promessa de haver emprego certo na capital paulista, colocação por algumas vezes ofertada por Oswald de Andrade, e o fato de figuras tão díspares no cotidiano do autor alagoano aventarem essa possibilidade indica que, por certo, Graciliano mobilizava todos os recursos dos quais dispunha em busca de um emprego.

Diante desta chance, ainda que achasse “tudo muito vago”¹⁸⁵, escreveu à esposa na semana seguinte para contar que havia embarcado para São Paulo em companhia de José Lins do Rego, após insistência de José Américo de Almeida, Manuel Bandeira, Otávio Tarquínio e João Alphonsus, numa conversa na Livraria José Olympio. Na estadia paulistana, Graciliano ouviu muitos elogios à sua obra, e disse ter encontrado muitos admiradores de *Caetés*, mas poucos que tivessem lido, efetivamente, *Angústia*, e disparava sarcasticamente: “Fiquei

“Cultura”. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Olhando para dentro* (1930 – 1964). V. 4, Fundación Mapfre e Objetiva, 2013, p. 229-273.

¹⁸³ Ver LUCA, Tania Regina de. “Editoras e publicações periódicas: o caso do Boletim de Ariel”. *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.

¹⁸⁴ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 175-177.

¹⁸⁵ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 176.

encabulado a princípio, depois lembrei-me que estava em S. Paulo, onde esta história de literatura não é melhor que em Maceió”¹⁸⁶. O autor contava ainda que, antes de sair em viagem, havia se mudado da casa de José Lins para uma pensão no Catete, onde dividia um quarto com Virgulino Nunes, amigo conhecido nos meses de encarceramento.

A estadia em São Paulo durou os últimos dias de fevereiro e início do mês de março, e Graciliano foi apresentado às principais figuras da intelectualidade da cidade, sob companhia constante de José Lins e Oswald de Andrade, o anfitrião da dupla. A viagem ainda rendeu ao autor alagoano encomendas de artigos para jornais paulistanos, mas o possível emprego que haviam lhe prometido de fato não se concretizaria. A colocação seria garantida por Sérgio Milliet – um grande admirador de *Angústia*, asseguravam diversos escritores que o conheciam –, mas não houve tempo hábil para que o autor alagoano com ele se encontrasse. Oswald insistiria com Graciliano para que ele ficasse mais um dia em São Paulo a fim de concretizar o encontro, opção vetada pelo autor alagoano, receoso em tornar-se incômodo. O anfitrião então afirmou que falaria com Milliet pessoalmente, mas disso nada se resolvera. Graciliano voltava ao Rio de Janeiro e as aperreações contidas na carta enviada a Benjamin de Garay em 22 de abril consolidavam-se com rapidez: faltava dinheiro para o quarto de pensão, para o bonde e para roupas novas, e não sendo Graciliano dono de nada que pudesse explorar, era explorado por editores e donos de jornal. Ou explorava alguma boa inspiração, que rendesse conto ou crônica.

Com o passar dos meses, as dificuldades que Graciliano enfrentava começaram a se revelar menos circunstanciais: se num primeiro momento pareciam fruto do processo de readaptação do autor à vida em liberdade, as poucas mudanças em sua situação com o passar do tempo apontavam para estruturas mais complexas que tomavam a relação do intelectual sobretudo com o regime do Estado Novo. É o que indica o atestado assinado por um incerto José Maria Alves, datado de seis de março de 1938 – quase um ano após a chegada de Heloísa ao Rio de Janeiro –, atestando em papel oficial que Graciliano tivera boa conduta civil e moral na época em que residiu no Estado de Alagoas¹⁸⁷. Tal documento foi provavelmente requisitado para a efetivação do único cargo que chegou ao autor, o de inspetor de

¹⁸⁶ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 179.

¹⁸⁷ Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Fundo Graciliano Ramos (GR), Documentos pessoais (DP) – 024, Caixa 20. Consultado em Abril de 2015.

estabelecimento de ensino secundário no Rio de Janeiro. Entre boletins escolares, dispensas e atestados assinados por Graciliano em papel do Colégio São Bento¹⁸⁸, que davam indícios de sua rotina de trabalho, não era absurda a hipótese de que ele não permaneceria por muito naquele cargo, o que se concretizou com rapidez. Em carta a seu filho Júnio Ramos, datada de 9 de abril de 1938, Graciliano desabafava:

Deixei aquele troço indecente onde trabalhava, estou novamente de braços cruzados, esperando um milagre. Conto com a Divina Providência e com o êxito, que naturalmente vai ser grande, dos livros agora publicados. (...) E enquanto esperamos vivemos chocando um projeto vago, qualquer coisa a respeito dum romance que vá da favela ao arranha-céu onde os tubarões da indústria digerem o país, e entre o morro e o escritório – a livraria, o jornal, a pensão do Catete, o restaurante Reis, o bar automático, o cinema, o teatro, o mangue e o café da Ceilândia. Enfim, tudo indeciso, provavelmente não será escrito o livro.¹⁸⁹

Os livros aos quais Graciliano se referia inicialmente eram a segunda edição de *S. Bernardo* e a primeira edição de *Vidas Secas*, este último fruto de um conjunto de contos publicados em diversos jornais nacionais, que contava a história de uma família de retirantes nordestinos. O livro viera a público primeiramente desta forma, revelado à imprensa aos pedaços, justamente para que pudesse render algum dinheiro antes de ser publicado em volume único. Por conta disso, Graciliano também tentou, por algum tempo, que alguns dos contos que compunham o livro – sobretudo *Baleia* – fossem publicados por Benjamin de Garay, mas os trabalhos não impressionaram o argentino, causando evidente desapontamento no autor alagoano.¹⁹⁰

Diante deste quadro, mais uma vez desempregado e contando com a sorte ou a “Divina providência”, Graciliano teve sua atenção tomada por um anúncio de jornal, publicado pelo intelectual Amadeu Amaral Júnior, em maio de 1938. Amaral Júnior foi companheiro de pensão de Graciliano e o tal anúncio, comentado pelo autor alagoano em duas ocasiões, pedia doações ao próprio anunciante – roupas velhas, pão dormido e, sarcasticamente, até mesmo trabalho.

Ao tomar o anúncio do ex-companheiro de pensão, em uma crônica intitulada *Um amigo em talas*, Graciliano afirmava que o primeiro pedido publicado pelo colega

¹⁸⁸ Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Fundo Graciliano Ramos (GR), Documentos pessoais (DP), Caixa 024 e 025, consultados em maio de 2015.

¹⁸⁹ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p.204.

¹⁹⁰ MAIA, Pedro Moacir. op. cit, p.49 e p.67.

provavelmente não surtira efeito algum, pois outro surgira alguns meses depois com a afirmação de que a situação do intelectual continuava igualmente precária. No novo anúncio, Amaral Júnior listava suas habilidades com diversas línguas como latim, italiano, francês e inglês, bem como com gêneros literários diversos como poesia, conto e crônica. Terminava o pequeno chamariz afirmando: “Dêem-me trabalho pelo amor de deus ou do diabo”¹⁹¹. Graciliano colocava-se em posição de acordo com o intelectual, mesmo que com alguma dose de ironia, dizendo que se fabricantes podem anunciar seus produtos nas folhas, por qual motivo o articulista, “precisamente o indivíduo capaz de arrumar umas linhas com decência, deve calar-se e roer chifres?”¹⁹². O autor alagoano ainda debochava dizendo que a disponibilidade de Amaral Júnior em pedir trabalho “pelo amor de deus ou do diabo” também era bastante coerente, visto que não estava escrupulizando em colocar sua pena em favor de qualquer entidade que fosse, conduta típica a um jornalista. Por fim, arrematava que se os anúncios continuassem a não surtir efeito, o colega deveria pôr-se na rua, nas esquinas, aos gritos. “Exatamente como quem vende pomada para calos”¹⁹³. Quem sabe esta afirmação final de Graciliano fosse, decididamente, adequada para tratar dos desgastes da vida de escritor no período.

Mais uma vez contando apenas com as reedições de seus livros e, fundamentalmente, com a atividade nos jornais, o autor voltou a movimentar sua rede de sociabilidade em busca de alguma outra ocupação após deixar o trabalho de inspetor federal de ensino. Era o que demonstrava um novo atestado emitido em seu favor, datado de 10 de junho de 1938 em papel oficial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e assinado por seu então diretor Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nele afirmava-se que Graciliano possuía todos os requisitos morais e intelectuais para o exercício de funções públicas, em especial para as atividades do próprio SPHAN. Andrade ainda atestava ter o autor alagoano todas as aptidões desejáveis para que ocupasse cargo técnico naquele departamento, mas ele nunca conseguiu ocupação no referido instituto, tampouco em outra função pública dentro de grandes órgãos da burocracia estadonovista. Diante destes impedimentos, torna-se necessário, assim, voltar

¹⁹¹ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 126.

¹⁹² RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 126.

¹⁹³ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 127.

os olhos brevemente para as possíveis relações estabelecidas entre o regime e a intelectualidade, em suas formas variadas.

A intelectualidade nas engrenagens do Estado Novo

Se, por um lado, o Estado Novo tinha dentre suas diretrizes a determinação de trazer para o interior de suas estruturas a intelectualidade nacional, em sua pluralidade¹⁹⁴, por outro lado parece claro que o regime estabeleceu limites para essa inserção, ou gradações para que ela acontecesse, como é capaz de indicar a própria situação de Graciliano.

Primeiramente, importa ressaltar que o Estado Novo se desenvolveu sob uma configuração do pensamento intelectual diversa do período da Primeira República. Em fina sintonia com o contexto europeu da década de 1930¹⁹⁵, grande parte da intelectualidade nacional enxergava no Estado centralizado o principal meio e o principal ator capaz de harmonizar, desenvolver e ordenar uma sociedade conflituosa, de maneira ampla¹⁹⁶. Isso se deu por uma série de fatores e deita raízes na crise das democracias liberais dos anos de 1920, que trouxe para o horizonte da nova década a tarefa de elaborar novos projetos capazes de trazer soluções aos problemas enfrentados pelas diversas nações do ocidente. Foi justamente dentro dessa perspectiva que os intelectuais nacionais foram inseridos dentro do projeto político-ideológico do Estado Novo, como indivíduos chamados a tomar parte na prática política, de forma a elaborar soluções para os principais impasses enfrentados pelo país¹⁹⁷. Estas soluções, porém, seriam articuladas através do aparato institucional e burocrático do regime estadonovista, através de suas estruturas centralizantes, fazendo com que os intelectuais assumissem cargos de direção nas engrenagens do Estado Novo.

Neste cenário, que tinha a intelectualidade como um grande protagonista, era notório que Graciliano qualificava-se para exercer funções em setores importantes da burocracia do

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

¹⁹⁵ Cf. GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a organização da cultura*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

¹⁹⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. "Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo". *Revista de Sociologia e Política*, Nº 9, 1997, p. 57-74.

¹⁹⁷ OLIVEIRA, op. cit; GOMES, Angela de Castro. "A 'cultura histórica' do Estado Novo". *Projeto História*. São Paulo, Nº 16, fevereiro/1998, p. 121-141; PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

regime, sobretudo nos diversos órgãos, institutos e departamentos sob regência do ministro Gustavo Capanema¹⁹⁸. Entretanto, a despeito da contribuição do autor alagoano para a revista *Cultura Política* como cronista, a partir de 1941, e as poucas semanas que atuou como inspetor de ensino federal, nenhuma das indicações de emprego que lhe chegaram se concretizariam, em nenhuma instância, durante todo o período em que Graciliano residiu no Rio de Janeiro – o que deixa entrever o sofisticado sistema de aproximações e afastamentos produzido pelo Estado Novo em relação à heterogeneidade da intelectualidade nacional.

A complexidade do caso de Graciliano, longe de estabelecer-se como acaso, fora exemplificada em um acontecimento contado pelo próprio autor em carta a sua esposa quando, em companhia de José Lins do Rego, dirigira-se ao Ministério da Educação para entregar os originais d’*A Terra dos Meninos Pelados* para o concurso literário do próprio ministério:

Vi lá, num corredor, o nariz e o beijo caído de S. Exa. o Sr. Gustavo Capanema. ZéLins acha excelente a nossa desorganização, que faz que um sujeito esteja na Colônia hoje e fale com ministros amanhã; eu acho ruim a mencionada desorganização, que pode mandar para a Colônia o sujeito que falou com o ministro.¹⁹⁹

O que Graciliano e o amigo tomavam por desorganização, mesmo que sob julgamentos distintos, talvez seja justamente o contrário, seja a própria organização do regime. Os mecanismos de repressão alternavam-se e variavam de forma sofisticada, e se, por um lado, havia a violenta polícia chefiada por Filinto Müller – admirador confesso de Heinrich Himmler – por outro, novas formas de controle surgiam, imiscuindo-se de maneira menos aparente no cotidiano nacional com o intuito de assegurar o projeto político-ideológico do regime. Assim, é importante ressaltar, como bem afirma Angela de Castro Gomes, que as fronteiras entre ideologia e repressão são bastante fluidas, e que mecanismos de coesão e de coerção eram utilizados pelo Estado Novo em passo e compasso como “organizadores do consentimento e controladores do conflito social”²⁰⁰. Entretanto, a autora também ressalta que a legitimidade de um novo arranjo institucional não poderia se valer apenas da repressão política e/ou da

¹⁹⁸ Ver BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema* intelectuais e política. Rio de Janeiro: FGV, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

¹⁹⁹ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 178.

²⁰⁰ PANDOLFI, op. cit., p. 56.

manipulação, sendo necessário que valores concretos e materiais também fossem assegurados para os sujeitos que estivessem excluídos do poder.

Era essa organização complexa que tornava possível a um ex-presos político como Graciliano, acusado de ser um elemento subversivo, transitar pelos corredores de um dos principais ministérios do regime estadonovista, escrever para seus periódicos, participar de concursos promovidos pela instituição – e inclusive vencê-los. Porém, tal arranjo demonstrava os limites estabelecidos quando este trânsito não se convertia na ampla inserção do autor alagoano na sociedade, incluindo na burocracia estatal.

Este intrincado sistema articulado pelo Estado Novo fora um dos grandes mecanismos responsáveis por aproximar das atividades governamentais, tanto quanto fosse conveniente, uma sorte de intelectuais de filiações políticas diversas. No caso de Graciliano, em específico, foi ofertada a possibilidade de contribuir para a principal revista do regime como cronista – e nada para além desta posição. Já em outra esfera, nos níveis dos dirigentes do Estado Novo, encontrava-se o caso emblemático do escritor que era também chefe de gabinete de Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade.

Drummond, que ocupara por 11 anos este cargo de forma ininterrupta, assumiria a coeditoria do diário do Partido Comunista, a *Tribuna Popular*, a convite pessoal de Luís Carlos Prestes tão logo findou o Estado Novo. Tal situação indica que apesar da proximidade do escritor com o ideário de esquerda essa situação não redundava no cerceamento de suas atividades, tampouco impedia que exercesse posição destacada em um dos principais ministérios do regime estadonovista. Amigo íntimo de Capanema, ele foi trazido para dentro das engrenagens do Estado por seu poderoso ministro, mostrando as flexões e permissões intrínsecas ao projeto político-ideológico governamental, ainda que elas dependessem, por algumas vezes, de forças como as do Ministério da Educação e Saúde.

Neste panorama, se a aproximação de Graciliano com o Estado Novo se dava ante limitações estabelecidas pela própria burocracia estadonovista, da parte do autor alagoano a situação também possuía suas complexidades. Ainda que o autor fosse ex-presos político dos cárceres varguistas e que o período de encarceramento tivesse a ele legado experiências terríveis – “é necessário que não endoideça, apesar da cadeia”²⁰¹ –, a necessidade de

²⁰¹ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 198; Ver também RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 6ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006, Rio de Janeiro.

conseguir uma ocupação para além de seu ofício de escritor, que garantisse alguma estabilidade financeira, acabava por colocar o funcionalismo público em seu horizonte de possibilidades, da mesma maneira que para tantos outros intelectuais durante o Estado Novo. Desta forma, também é um componente importante deste cenário tentar compreender algumas das opiniões do autor sobre assuntos que estavam na ordem do dia dentre as décadas de 1930 e 1940, tais como o fascismo, as guerras que tomavam o continente europeu e, evidentemente, o comunismo e a União Soviética. Aproximar-se das impressões de Graciliano sobre tais temas são passos importantes para vislumbrar os termos em que poderia se dar a própria aproximação do autor com o regime, com o qual se relacionava de forma tão ambígua.

Ainda que haja dificuldade em encontrar suas opiniões explicitamente – talvez pela prudência em não se enveredar por descaminhos que complicassem sua situação política, ou pela própria censura à imprensa feita pelo regime, que controlava a importação de papel-jornal aos veículos de comunicação –, os textos de Graciliano deixavam rastros. Em certa ocasião, o autor alagoano escreveu crônica sobre a Guerra Civil Espanhola²⁰² e nela condenava veementemente o racismo que coordenava os ataques aos bascos, os arroubos ideológicos e demagógicos das lideranças tanto de Largo Caballero quanto de Francisco Franco, e por fim, indignava-se contra os crimes de guerra. Em outra ocasião, precisamente em três de março de 1943, escreveu uma crônica comentando sobre a situação do grupo dos literatos nacionais, que foram acusados de pouco se interessarem pela Grande Guerra que devastava o continente europeu²⁰³. O cronista concordava com a acusação, e em sua argumentação dizia que parte do problema encontrava-se na tentativa de tomar os literatos como um grupo coeso, quando de fato eram divididos por uma questão central, a questão de classe. De acordo com o narrador, um escritor do Catete e outro do Leblon, naturalmente, se interessariam por assuntos diversos, pois possuíam experiências diversas. No bojo destas experiências certamente se encontrava o fato de que o ofício de escrever, por adquirir por muitas vezes

²⁰² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1937, 1ª Seção, p. 1-2.

²⁰³ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 227-229.

dimensão secundária na vida dos literatos do período em detrimento de outras ocupações, contribuía decisivamente para o argumento de Graciliano:

O sujeito que escreve é diferente. Liga-se decerto a indivíduos que se dedicam ao mesmo exercício, mas afastam-se de outros, e o afastamento produz muitas vezes ódios mortais, expressos, dadas condições favoráveis na calúnia, na delação.

(...)

Entre Copacabana e a rua Bento Lisboa alargam-se espaços intransponíveis, é absurdo imaginar relações estáveis do palacete com a casa de pensão. Sucede avizinham-se espiritualmente, mas como nem sempre vivem espiritualmente, conservam literatos do Catete e literatos do Leblon, necessidades particulares, amigos particulares, desilusões, encrencas particulares, graúdas e miúdas. E até linguagens particulares, que não figuram nos artigos e nos romances.²⁰⁴

O cronista ainda seguia com suas linhas e ironizava parte dos literatos nacionais que em águas passadas saudavam a Benito Mussolini, Adolf Hitler e Plínio Salgado, mas estando os três cavalheiros fora de moda, tais vozes viram-se obrigadas a falar mais baixo. Por outro lado, num misto de satisfação e ironia, o cronista debochava do fato de que certa nação, antes tida como “sucursal do inferno”²⁰⁵ em terras brasileiras, agora era tomada como peça importantíssima das Nações Unidas, e que por ela todos agora torciam e rezavam. Claramente referia-se à União Soviética e a questão voltaria a ser tratada numa nova crônica sobre o assunto, datada de 10 de abril de 1943²⁰⁶, que merece alguma atenção.

Em *Reviravolta* havia uma enorme insatisfação do autor tanto para com a imprensa nacional como para com grande parcela da intelectualidade do país. Graciliano iniciava sua crônica declarando que eram tempos em que se dava “Graças a Deus” à resistência russa frente ao exército alemão e debochava, mais uma vez, ao afirmar que o Primeiro-Ministro inglês revelou em discurso que virgens eslavas oravam pedindo a vitória dos soviéticos²⁰⁷. Porém, ao contrário do que se via, o cenário nem sempre foi de torcida. O cronista rememorava que nos idos da década de 1910 as notícias que chegavam nos jornais eram bastante distintas, “quando na Rússia não existia Deus nem existiam virgens”²⁰⁸. Graciliano indignava-se sobre as diversas notas publicadas na imprensa, especialmente em 1918, quando parecia haver “desapareci[do] da memória pública todos os negócios que manchavam a

²⁰⁴ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 227.

²⁰⁵ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 229.

²⁰⁶ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 230-232.

²⁰⁷ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 230.

²⁰⁸ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 231.

família imperial. Coitadinhos o czar, a czarina, o filho, tão novo”²⁰⁹. Por outro lado, aos soviéticos sobravam uma série de estereótipos que povoavam as folhas nacionais: bêbados, profanadores, sem moral, um povo assolado por pestes, pela fome, malandros, patifes, um exército de sapateiros²¹⁰.

Diante de tanta volatilidade, o cronista encaminhava seu argumento sempre cercado por boas doses de ironia, e afirmava parecer evidente que estando a imprensa correta sobre as tantas provações as quais o povo russo fora obrigado a passar no governo dos Sovietes – indicando haver na opinião corrente uma separação estrita entre povo e governantes, ainda que todos estivessem circundados de concepções bastante depreciativas –, não haveria razão para se esperar resistência ao exército alemão quando este chegasse. Pelo contrário, era razoável que se esperasse a aclamação dos então adversários por libertadores, tornando completos despropósitos as esperanças depositadas nas orações desejosas pela resistência. Entretanto, como já adiantara no início da crônica, os russos resistiram, “Graças a Deus”, e o cronista alfinetava:

E sucedeu que a miserável massa de escravos se achou inexplicavelmente ligada aos criminosos que a torturavam e recusou a libertação. Foi uma surpresa, imensa e agradável surpresa para os que a tinham caluniado.

Apenas é difícil suprimir de chofre as conseqüências duma longa propaganda feita com sabedoria no mundo inteiro. Nestes próximos anos as populações ignorantes ainda julgarão, amedrontadas, que a Rússia é um vasto lupanar onde reina a desordem. Apesar de contar hoje com a proteção divina. Apesar de estarem agora lá virgens rezando. Os homens vulgares hesitarão talvez em receber essa poesia e essa religião. Mas desde já podem admitir que na Rússia existem muitos canhões. E que o exército russo não é comandado por sapateiros.²¹¹

Estas linhas, que são precisamente a parte final da crônica, expandiam os contornos da crítica de Graciliano para além da imprensa nacional e acabavam por apresentar uma contundente condenação do autor à maneira como foi organizada uma intensa propaganda contra a Revolução Russa de 1917 e seus desdobramentos, produzindo deturpações que se ancoravam na ignorância e no medo das populações. É importante destacar que *Reviravolta* foi escrita após a estratégica vitória soviética na Batalha de Stalingrado e o clima de comoção, oração e torcida que tomava o mundo – ironicamente apresentado pelo próprio Graciliano na

²⁰⁹ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 230.

²¹⁰ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 231.

²¹¹ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 231-232.

crônica – abriu precedente para que o autor, habilmente, tensionasse os limites da censura estadonovista para indicar seu desagrado com os ditames da propaganda anticomunista.

Por fim, ainda há um último escrito que deve ser trazido à tona aqui, no intuito de fornecer mais elementos para este quadro, que tenta compreender algumas das opiniões e percepções de Graciliano no período. Desta vez, trata-se dos agradecimentos escritos pelo autor por conta do recebimento do prêmio Lima Barreto, oferecido pela *Revista Acadêmica* e concedido à *Angústia*, enquanto Graciliano ainda se encontrava na Casa de Correção da rua Frei Caneca. Neste depoimento único, o autor trazia sua experiência de encarceramento à tona como em poucas ocasiões e tomava sua relação com o Estado que o encarcerou de forma direta, sem as ironias e sarcasmos que povoavam suas palavras ao tratar do tema. O texto data de junho de 1937 e nele se vê muito das percepções do autor alagoano sobre a conjuntura nacional nas imediações do Estado Novo:

Confesso que, nesse negócio de concursos literários, não se leva em conta apenas o valor das obras que se apresentam. Talvez o público não ache razoável que seja assim, mas é. (...)

Esse caso do prêmio Lima Barreto é diferente dos outros. Parece que não houve precisamente a intenção de julgar um romance nem de saber se o autor dele poderia fazer trabalho menos mau.

Estou convencido de que me quiseram dar uma compensação. Aníbal Machado, Álvaro Moreyra e Mário de Andrade desfizeram agravos e combateram moínhos reais. Eu estava sendo triturado por um desses moínhos. E a solidariedade de alguns intelectuais brasileiros teve para mim significação extraordinária.

Refletindo bem, penso que o prêmio não foi concedido a mim, mas a várias centenas de criaturas que se achavam como eu. Não se tratou de literatura, evidentemente. O que não quer dizer que, achando a decisão injusta, como acho, eu não a considere um ato de coragem indispensável num momento de covardia generalizada, ato imensamente útil, se não a mim, pelo menos a outros, que poderão respirar com alívio e dizer o que pensam.²¹²

A partir destes exemplos é possível indicar que havia um significativo distanciamento entre as convicções político-ideológicas de Graciliano e as do regime, especialmente quando se atenta para a forma como encaminhava seus textos, para as categorias que mobilizava no tratar dos diversos assuntos que elegia e, principalmente, ao se considerar a experiência e trajetória do autor. Entretanto, é necessário ressaltar que esta distância não redundou em rompimento absoluto com o Estado Novo. Entre afastamentos e aproximações – que ganham densidade e complexidade ao trazer para o primeiro plano de análise a experiência do cárcere

²¹² SALLA, Thiago Mio. *Garranchos*: textos inéditos de Graciliano Ramos. São Paulo: Record, 2012, p. 153.

– torna-se essencial destacar a aguda situação de fragilidade econômica e política a qual Graciliano estava submetido, a partir de sua fixação definitiva na cidade do Rio de Janeiro.

O ofício de escritor, neste cenário, se revelava incapaz de prover a Graciliano e sua família, ao passo que permanecia no horizonte a possibilidade de refúgio dentre as engrenagens do Estado Novo – quem sabe em uma ocupação no funcionalismo público tal qual a grande maioria dos intelectuais do período. Nesse sentido, parece pouco provável que Graciliano recusasse um cargo se ele se apresentasse. O convite para escrever para a revista *Cultura Política* veio em 1941 e foi aceito. Na ocasião, o autor já beirava os 50 anos, seus principais romances já haviam sido publicados, mas sua situação encontrava-se de forma bastante similar à que relatava a Júnio Ramos em carta datada de 1940:

Nestes miseráveis tempos que atravessamos até os contos idiotas que eu fazia para *O Jornal* e para o *Diário de Notícias* fora escasseando e sumiram-se todo. Tenho escrito uns horrores para uma revista vagabunda, mas essas misérias dão pouco trabalho e vendem-se a cem mil-réis, exatamente o preço dum conto. Uma desgraça, tudo uma desgraça. Afinal, quem nos obriga a viver, a fabricar romances, a tirar retratos? ²¹³

Afinal, Graciliano não se tornou um intelectual dirigente, nos termos de Antonio Gramsci, mas tornou-se o principal cronista da seção *Quadros e Costumes do Nordeste* da revista oficial do Departamento de Imprensa e Propaganda, entre 1941 e 1944, a *Cultura Política*.

Considerações Finais

Entre tragos de cachaça, café e maços de cigarro Selma, consumidos nos bancos ao fundo do salão da Livraria José Olympio ou no quarto de pensão no Catete, o autor alagoano escrevia cartas e crônicas que tomavam sua vida como literato e o cotidiano intelectual carioca de assalto. Expunha as dificuldades do ofício de escrever, de arranjar-se através da literatura, e também deitava suas lentes na obra de outros escritores que, como ele, buscavam viver das letras produzidas. Quando empenhava juízo sobre alguma obra literária, não deixava de empreender uma espécie de diagnóstico sobre o substrato, e imaginário, que entrecortava as aspirações do escritor. Identificava temas, linguagens e formas de fazer literatura. Os

²¹³ RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 205.

conectava com o cotidiano político, econômico e social do país, tecendo os fios que conferiam inteligibilidade a experiência destes sujeitos, ao passo que também transformava a sua própria experiência em matéria para crônicas, contos e romances. A produção de Graciliano, assim, é verdadeiro testemunho histórico que deixa entrever a conjuntura nacional, trazendo o literato, o escritor, para a esfera do trabalho e circundando os espaços em que esses trabalhadores dos mundos artes circulavam: entre jornais, livros, anúncios e concursos, e também no cárcere.

Assim, este artigo buscou voltar os olhos para as condições sob as quais eram submetidos os escritores, sobretudo durante o período do Estado Novo, mantendo como centro da análise a experiência e trajetória de Graciliano Ramos. Viver da literatura era tarefa árdua, dificilmente empenhada de maneira solo pelos autores, que sempre possuíam uma segunda ocupação capaz de assegurar sua subsistência. Nesse contexto, o autor alagoano vivenciou os impasses de, como ex-presos político do governo de Getúlio Vargas, pleitear cargos na burocracia estadonovista, sem sucesso, até se engajar na produção de crônicas para a revista do regime, a *Cultura Política*, em vistas de conseguir alguma estabilidade econômica. De sua chegada ao Rio de Janeiro até sua morte, escreveu de forma seriada apenas para a revista do Departamento de Imprensa e Propaganda, jamais assinando qualquer outra longa série de textos em outro periódico, se esforçando majoritariamente em produzir crônicas e contos afim de oferecê-los de forma generalizada para os mais variados veículos da imprensa.

Desta forma, observar e analisar os conflitos, ações e contradições presentes na experiência de Graciliano é também atentar-se para a condição do literato em seu ofício de escrever durante as décadas de 1930 e 1940.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Hermenegildo, BRUNACCI; Maria Izabel, FILHO; Leonardo Almeida (org.), *Catálogo de benefícios: o significado de uma homenagem*, Brasília: Hinterlândia, 2010.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*, Rio de Janeiro: FGV, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

CANDIDO, Antonio, “‘É o que penso, mas talvez me engane’: notas sobre o crítico Graciliano Ramos” em *Floema* – ano IX, Nº 11, p. 33-47, jul/dez.2015.

_____, “A vida ao Rés-do-chão”. In: *A Crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1992.

_____, *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*, Rio de Janeiro, 1992. CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (org.), *História em cousas miúdas: capítulos de história social na crônica no Brasil*, Unicamp, Campinas – SP, 2005. CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo (orgs.); *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DÓRIA, Carlos Alberto, Graciliano e o paradigma do papagaio, *Revista do IEB*, Nº 35, p. 19-34, 1993.

FLORENT, Adriana, *Graciliano em seu tempo: o meio literário na era Vargas*, São Paulo: Terceira Margem, 2011.

GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.), *Literaturas e escritas da imprensa, Brasil/França, Século XIX*, Campinas: Mercado de Letras, 2015.

GIMENEZ, Erwin Torralbo, “Graciliano Ramos, uma poética da insignificância” em *Estudos Avançados*, V. 23, Nº 67, São Paulo, 2009.

GOMES, Ângela de Castro, *A Invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.

_____, *História e historiadores: política cultural do estado novo*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2ª Edição, 1999.

_____, (org.), *Olhando para dentro (1930-1964)*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

_____, “A ‘cultura histórica’ do Estado Novo”. *Projeto História*, São Paulo, Nº16, fevereiro/1998, p. 189.

GRAMSCI, Antonio, *Intelectuais e a organização da cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª Edição, 1982.

LEBENZSTAYN, Ieda; “Graciliano Ramos por Otto Maria Carpeux: 120 anos, homenagem em dobro” In: *Estudos Avançados*, São Paulo, V. 26, Nº 76, set./dez., 2012.

LUCA, Tania Regina de, “Editoras e publicações periódicas: o caso do Boletim de Ariel” em *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.

MAIA, Pedro Moacir. *Cartas Inéditas: de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*, Edufba: Salvador, 2008.

MICELI, Sérgio, *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Wander Melo, “O valor enorme das palavras” em *Revista do CESP*, V. 26, Nº 35, Jan. – Jun., 2006.

MORAES, Dênis de, *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2a. Edição, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Angela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PALAMARTCHUK, Ana Paula, *Os Novos Bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)*, Tese de Doutorado, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2003.

PANDOLFI, Dulce (org.), *Repensando o Estado Novo*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*, Tese de Doutorado, Campinas – SP, 2010.

SOUZA, Ana Paula Cardozo de, *Machado de Assis e a República de “A Semana”*: literatura, imprensa e práticas populares (1829 – 7), Dissertação de Mestrado, Campinas – SP, 2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta, “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo” em *Revista de Sociologia e Política*, Nº 9, 1997.

Fontes

RAMOS, Graciliano, Angústia. 59ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____, Cartas, 4ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____, Caetés, 27ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____, Histórias de Alexandre, 5ª. Edição. São Paulo e Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____, Linhas Tortas, 7ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____, Memórias do Cárcere, 43ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____, S. Bernardo, 92ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____, Vidas Secas, 120ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____, Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste, 6ª Edição. Rio de Janeiro, 1976

**Recebido em 16 de janeiro de 2017.
Aprovado em 27 de maio de 2017.**